

O PATO MANCO

Apresentação

Essa é a história de dois patos selvagens que por força do destino tiveram que conviver juntos e que, embora não gostassem um do outro quando se conheceram, passaram depois a ser grandes amigos. O primeiro era um pato já velhinho, com muita experiência de vida e cheio de histórias para contar. O segundo era um jovem patinho que desejava voar para longe e conhecer o mundo e que teve seus planos interrompidos por uma fatalidade. A história se passa em um jardim zoológico, onde o patinho foi parar por um acaso do destino, após ter sido alvejado por um tiro certo de um caçador. Tem como pano de fundo a obediência e o respeito aos idosos, bem como a paciência e compreensão que se deve ter com aqueles que têm deficiências físicas ou necessidades especiais (mesmo que temporárias), como é o caso de Duck, o patinho que se vê impedido de fazer seu voo migratório junto com os outros patos selvagens, por estar com sua asa quebrada.

A convivência forçada entre os dois lhes ensina a respeitar as diferenças e limitações um do outro e serve de lição a ser aprendida por jovens e adultos.

SUMÁRIO

1. O apelido: “Pato Manco”.....	01
3. Asa quebrada	02
3. O encontro entre pato manco e asa quebrada	04
4. A convivência com as diferenças	06
5. O dia da partida	07

Capítulo 1

O apelido: “Pato Manco”

Era um dia daqueles bastante agitados no jardim zoológico, especialmente na ala reservada aos patos selvagens. Os patos mais jovens decidiram brincar uns com os outros. Corriam, pulavam e voavam para cima e para baixo fazendo algazarra¹. Ali próximo, a observar aquela correria, estava o pato mais velho do jardim zoológico, tentando chamar a atenção de alguns dos mais jovens para que ouvissem as suas histórias. Os outros patos o chamavam de Quack, pois achavam que ele reclamava demais e que, quando estava nervoso, falava resmungando de uma forma que nem sempre era entendido pelos outros, diziam que só ouviam quackprálá e quackprá cá, ininteligíveis até mesmo na linguagem dos patos. Quando queriam aborrecê-lo ainda mais, usavam o fato de ter a idade avançada em relação aos demais patos do zoológico para chamá-lo de “velho Quack”. Chamavam-no assim por que sabiam que isso o irritava muito e assim ele se afastava resmungado.

O velho Quack gostava muito de contar suas histórias. Queria que os mais jovens ouvissem as coisas que havia aprendido ao longo dos anos. Mas os mais jovens não gostavam de ficar ouvindo as histórias do velhinho, achavam que ele já estava caduco e que suas histórias eram fruto de sua imaginação. Ao invés de ouvir o velho Quack, os jovens patinhos caçoavam dele por achar que os idosos são sempre chatos. Gostam de dar conselhos mais não podem mais correr e brincar ou mesmo voar pelo mundo em busca de aventuras.

Os comentários maldosos deixavam Quack bastante triste porque tudo que ele contava era verdade, ele nunca mentia, pois aprendeu com seus pais e avós que não se deve nunca mentir para os outros.

Em uma de suas estripulias maldosas, os mais jovens acabaram por derrubar Quack, que ficou bastante machucado. Por ter os ossos frágeis, Quack não suportou a queda. Teve uma torção na perna esquerda e ficou sem poder caminhar.

Por causa do machucado, Quack ficou vários dias se recuperando e passou a mancar da perna esquerda e a utilizar uma bengala, mesmo assim se locomovia com alguma dificuldade. Os mais jovens, de forma maldosa, trataram logo de lhe dar um novo apelido que muito lhe aborrecia: “pato manco”.

¹ Algazarra: barulho, corre-corre, gritaria.

E assim, passavam-se os dias na vida do velho Quack. Sentia-se solitário e desrespeitado entre os seus pares e aguardava ansiosamente algum acontecimento que pudesse lhe tirar daquela entediante rotina.

Um de seus poucos divertimentos era observar os bandos de patos selvagens que sempre passavam ali por perto e, às vezes, sobrevoavam o jardim zoológico em seu vôo migratório. Isso lhe dava saudades de sua juventude, de quando também fazia vôos migratórios e viajava por diferentes terras longínquas. Já tinha viajado muito e conhecido muitos lugares e coisas interessantes, antes de transformar o jardim zoológico em sua morada definitiva. História essa que já tinha tentado contar várias vezes, mas que não encontrava ouvintes interessados. Mas, deixa prá lá – dizia a si mesmo sempre que esse assunto lhe vinha à cabeça.

Capítulo 2

Asa quebrada

Certo dia, como de costume, passava um bando de patos selvagens sobre aquela região em seu voo migratório. Lá nas alturas, perto das nuvens, um jovem pato selvagem chamado Duckvoavameio distraído observando a forma como seus colegas voavam um atrás do outro, em forma de “V”. O líder, o mais forte dentre eles, voava na frente e os outros o seguiam rumo à sua jornada de migração que faziam todos os anos na época do inverno. Eles buscavam terras mais quentes e ricas em alimentos.

Duck voava meio distraído e, de repente, teve que fazer um movimento brusco para seguir o líder do bando que estava mudando de direção. Foi a sorte do patinho.

Lá embaixo estava um caçador malvado que sabia que os patos quando migravam sempre passavam por ali. Era um caçador profissional que nunca errava nenhum tiro. Caçava por prazer, para provar a seus amigos que era bom de tiro (não se importava com a vida dos animais). Ele estava naquele local esperando há várias horas e quando avistou o bando tratou logo de mirar em um deles e disparou um tiro certo que atingiria o peito de Duck.

No momento em que fazia um movimento brusco para mudar de direção, Duck foi surpreendido por um grande estrondo, cujo barulho foi tão ensurdecador que dispersou todos os seus companheiros de voo, saindo cada qual para um lado e deixando-osozinho.

Ao notar que estava sozinho, Duck, que estava ainda um pouco atordoado, resolveu olhar ao seu redor para se localizar melhor e retomar o seu rumo. Quando olhou para o seu lado esquerdo notou que pingava de sua asa um líquido vermelho: era sangue.

Rapidamente Duck percebeu que o grande estrondo era um tiro e que sua asa esquerda havia sido atingida e agora sangrava e sentia muita dor. Já não conseguia mais controlar o seu voo. Estava caindo.

Enquanto caía, Duck viu que lá embaixo havia um caçador malvado já correndo para o local onde ele iria cair. O caçador malvado estava sorrindo porque sabia que ia poder contar vantagem aos seus colegas.

Embora não pudesse mais controlar seu voo, Duck sabia que estava em perigo e que sua vida dependia muito de seu esforço para tentar escapar do caçador malvado.

Em um grande esforço que o fez sentir muita dor, ele bateu as asas, forçando mais a sua asa direita, que estava boa, e mudou a direção de sua queda. Vendo que não conseguiria mais continuar a bater as asas ele as deixou esticadas e tentou planar² para um local mais seguro, fugindo do alcance do caçador, que ficou xingando e se mal-dizendo por que não poderia mais contar vantagem aos seus amigos caçadores.

Duck se sentiu mais aliviado, o esforço que fizera o levou para longe do caçador malvado. Mas, ainda estava gravemente ferido e sangrando, além do mais estava caindo e devia se esforçar ao máximo para planar até aterrissar em um lugar seguro, onde pudesse cuidar de seu ferimento.

Para sua sorte, o esforço de Duck o levou a sobrevoar sobre um local em que podia ver muitos animais. Eles pareciam estar felizes e bem cuidados e não tinha nenhum caçador malvado por perto: era um jardim zoológico. Ele viu os elefantes brincando na lama, as girafas tomando banho de sol e até um leão dormindo feito preguiçoso. Viu também jacarés na lagoa, porcos que corriam uns atrás dos outros e macacos que brincavam nos galhos das árvores.

Mais adiante começou a avistar alguns pássaros. Tinham águias, gaviões e outras aves de rapina³ e isso lhe deu um certo medo de ser devorado, mas logo percebeu que eles estavam em grandes gaiolas para impedir que comessem as aves menores que estavam ao seu redor.

² Planar: voar sem mover as asas, sem muito esforço.

³ Aves de rapina: aves carnívoras, que se alimentam de outros animais.

Outras aves também estavam presas, como os papagaios, araras, tucanos, pombos e rolinhas. Algumas voavam livremente por todo o jardim zoológico. Eram pardais, cegonhas, socós e... (respirou fundo) patos selvagens!

Seu olhar seguiu aquelas aves que lhe eram bem familiares. Lembrou-se dos companheiros de voo que se dispersaram com o tiro poucos segundos antes.

Havia muitos patos selvagens no jardim zoológico, o que deixou Duck mais tranquilo e o fez sentir-se mais encorajado a tentar aterrissar naquele local.

Em um último grande esforço plainou até pousar na margem da lagoa onde estavam muitos patos tomando sol. O esforço foi tão grande que Duck mal conseguiu pousar de forma desajeitada e barulhenta e logo desmaiou.

Entre os patos selvagens ali presentes foi uma grande algazarra. Todos queriam saber o que havia acontecido, foi um corre-corre em direção ao patinho caído, queriam saber qual dentre eles havia caído, quem era o responsável pelo pouso atrapalhado e barulhento.

Ao se aproximarem e verem que não se tratava de nenhum dos patinhos conhecidos, perguntavam insistentemente o seu nome. Como Duck estava desmaiado, não podia responder às perguntas. Continuavam curiosos, como poderia se chamar aquele patinho? A turma que gostava muito de desrespeitar os mais velhos e de apelidar aos outros, vendo a asa machucada, logo entrou em ação:

- Vamos chamá-lo de “asa quebrada”!

Embora repreendidos pelos mais velhos, os demais patinhos gritavam de forma barulhenta:

- Asa quebrada! Asa quebrada!

Capítulo 3

O encontro entre pato manco e asa quebrada

Ao ver o patinho desmaiado, logo foi sugerido que se buscasse providenciar os primeiros socorros. Duck foi levado à presença do mais velho do bando para que, com sua experiência e sabedoria, providenciasse a medicação e os cuidados necessários.

Embora contrariado – pois não gostava dos mais jovens, que sempre o despeitavam – o velho Quackfoi convencido a tratar o ferido. Em sua asa esquerda, foi providenciada uma

tipóia⁴ para evitar o agravamento do ferimento e Duck foi colocado longe dos olhos dos curiosos para que descansasse sossegado. Estava ainda desacordado.

Ao despertar, Duck notou que alguém estava sentado ao seu lado, a observá-lo. Assustado, queria saber onde estava, o que fazia naquele local, por que estava com uma tipóia na asa, onde estavam os companheiros, o que tinha acontecido... e fez muitas outras perguntas, às quais o velho experiente Quack respondeu com apenas uma palavra, que lhe transmitiu muita segurança e tranquilidade:

- Descanse!

Diante da paz que lhe transmitiu o bom velhinho e percebendo que estava ferido e bastante cansado, Duck voltou a repousar, pegando no sono enquanto observava o velho se retirar silenciosamente de perto do ninho.

No dia seguinte, ao acordar, estava sozinho e sentia-se melhor e mais disposto, embora ainda se sentisse um pouco dolorido. Seu ferimento estava limpo e já não sangrava. Mas, a asa ainda estava presa pela tipóia e não seria possível retomar seu voo. Teria que aguardar algum tempo para sarar completamente.

Ao perceberem que o estranho patinho havia acordado e estava de pé, os jovens patinhos do jardim zoológico o cercaram cheios de curiosidade. Queriam que o patinho forasteiro se juntasse a eles. Davam-lhe tapinhas e empurrões, chamando-o para brincar e fazer estripulias.

O velho Quack que retornava para ver o ferido, vendo aquela algazarra e pressentindo que iriam acabar por magoar os ferimentos de seu hóspede⁵, tratou logo de enxotar a todos para longe gritando palavrões:

- Seus moleques! Não veem que ele está ferido e não pode acompanhá-los? Vão procurar outro divertimento!

Vendo que Duck não poderia participar das brincadeiras, resolveram debochar dele desejando que fosse embora. Não era mais bem-vindo. Não gostavam de quem não pudesse fazer o mesmo que eles. Velhos e deficientes físicos não eram bem vistos. Resolveram então ridicularizar os dois chamando-os de “pato manco” e “asa quebrada” e afastaram-se repetindo várias vezes os apelidos:

- Pato manco!

- Asa quebrada!

⁴ Tipóia: lenço ou tira de pano presa ao pescoço para sustentar a asa do patinho, protegendo o ferimento.

⁵ Hóspede: visita, convidado, que está sob seus cuidados.

O velho Quack ficava muito irritado toda vez que os mais jovens o chamavam de “pato manco”. Talvez por isso alguns dos patinhos sempre repetissem o apelido.

O jovem forasteiro, no entanto, não se importava com apelidos. Sabia que quanto mais se fica enfurecido com os apelidos, mas os outros se sentem incentivados a apelidar. É melhor ignorar. Assim eles acabam esquecendo o apelido.

Capítulo 4

A convivência com as diferenças

Durante muitos dias, Duck conviveu com o velho sábio e experiente. Duck era impaciente e ficava irritado por não poder ir embora. Sentia-se um estranho longe de seus parentes. Sabia que os outros patos daquele jardim zoológico não gostavam dele. Estavam acostumados com uma vida reclusa⁶ e não queriam partir para conhecer o mundo e viver novas aventuras. Preferiam se divertir desrespeitando os outros.

Embora tenha sido difícil no início, o tempo de convivência entre os dois foi para ambos uma boa experiência. O velho Quack, que não gostava da arrogância e impaciência dos mais jovens aprendeu a ser mais tolerante e paciente e quando percebia que Duck estava mais calmo, contava-lhe histórias e aventuras de seu passado glorioso, de quando também era um aventureiro. Quanto a Duck, viajava na imaginação e aventurava-se por meio das histórias contadas por Quack.

O velho pato estava feliz, finalmente alguém o ouvia e respeitava (mesmo sabendo que Duck o fazia porque não tinha escolha). Só voltava a ficar triste quando percebia que a asa quebrada de Duck já estava quase boa e que, tão logo pudesse voar, iria embora.

Um dia, percebendo que Duck andava meio tristonho, Quack resolveu mostrar-lhe algo que certamente o motivaria. Foram até ao local onde às vezes era possível ouvir o grasnar dos patos selvagens que passavam perto do zoológico em vôo migratório.

Às vezes era possível avistá-los, quando o bando era grande – disse Quack ao já ansioso patinho.

Dessa vez deram sorte, passava por ali perto um grande bando de patos selvagens a grasnar em direção às terras mais quente, em busca de alimento.

⁶ Vida reclusa: sempre no mesmo lugar, sem buscar novos horizontes.

Duck sentiu um desejo profundo de voar com todos aqueles patos selvagens. Suas forças se renovaram, queria partir imediatamente. Mas Quack sabia que ele ainda não estava forte o suficiente para um longo voo migratório, devia esperar mais um pouco, resolveu diminuir a sua angústia confortando-o: tudo a seu tempo!

Com o passar dos dias, Duck aprendeu muito com o velho Quack e acostumou-se a ouvir suas histórias. Sonhava com o dia em que finalmente sua asa estaria perfeita novamente e poderia seguir seu rumo. Viver suas próprias aventuras pelo mundo a fora.

A boa convivência entre os dois fez com que o tempo passasse mais depressa. O aprendizado foi grande tanto para um quanto para o outro.

Eles perdiam a noção do tempo conversando e trocando experiências. E quando os outros patos tentavam importuná-los já nem ligavam. Para Duck era mais fácil lidar com os aborrecimentos porque sabia que estava chegando a hora de ir embora. Não ligava para os comentários maldosos e para os apelidos que lhe colocavam. A companhia do velho Quack era suficiente para passar o tempo e suas infindáveis histórias mantinham seu pensamento distante. No entanto, Quack às vezes se sentia triste. Sabia que seu companheiro logo partiria e ficaria sozinho novamente, sendo motivo de risadas e apelidos por parte dos mais jovens.

Duck já tinha percebido sua tristeza e pensava numa maneira de ajudá-lo antes de partir. Pensava muito no que fazer para que os mais jovens o escutassem. Mas nada lhe vinha à cabeça. Como chamar a atenção? Fazer com que escutassem o velho Quack? Pensava nisso horas e horas...

Capítulo 5

O dia da partida

Um dia, logo cedo, Duck percebeu que estava curado. Finalmente podia bater as asas e partir. Sabia que já estava no período de migração e seus companheiros certamente passariam ali por perto em busca de novas terras férteis e cheias de alimentos. Mas, ainda faltava resolver a situação do velho pato, não poderia deixá-lo sozinho e entristecido. Tinha sido um bom companheiro durante o tempo em que esteve doente.

Pensou, pensou... Andou em círculos durante horas... Pensou, e... Teve uma ideia!

Contaria aos demais que ele próprio quando ali chegou não gostava do velho Quack, mas que, com o passar do tempo foi aprendendo a ter paciência com ele e a compreendê-lo, e

até a gostar de suas histórias. Diria que talvez valesse a pena aos mais jovens dedicar um pouco do seu tempo ao velho Quack.

Aproveitou que os mais jovens estavam brincando pelo jardim zoológico, procurou por um lugar onde podia ser ouvido por todos e gritou:

- Pessoal! Por favor, me deem um minuto de sua atenção!

Não foi ouvido. Eles nem ligaram e continuaram com a algazarra.

Duck, então, encheu o peito e gritou o mais alto que pôde:

- Pessoal! Por favor, é importante! Estou de partida e gostaria de dizer algumas palavras. Depois vou embora e vocês podem voltar a seus afazeres.

Desta vez todos pararam. Seria bom ouvir o forasteiro, já que ele estava de partida (até mesmo para que ele fosse logo embora, pensaram eles).

Vendo que todos o escutavam, Duck começou com seu discurso:

- Durante todo esse tempo em que estive aqui eu aprendi muitas coisas e devo esse aprendizado ao bom e velho pato que vocês teimam em apelidar de “pato manco”. Assim como muitos de vocês eu sou jovem e trago comigo a arrogância e a impaciência para com os mais idosos. Às vezes não conseguimos enxergar as qualidades, a sabedoria e a experiência de vida que eles podem nos transmitir. Somos egoístas e pensamos que o tempo nunca vai passar e que também um dia seremos velhos ou que poderemos ter algumas limitações...

Duck estava em um dia de inspiração e fez um longo discurso de gratidão ao velho Quack. Lembrou que o próprio bom velhinho havia mudado seu jeito de ver as coisas, aprendido a respeitar e a conviver com as diferenças, quando aceitou cuidar de um jovem forasteiro. Lembrou que era um privilégio ter por perto alguém com tanta sabedoria, conhecimento e experiência de vida e que não cobrava nada em troca de seus favores, apenas um pouco de atenção.

Dito isso, dirigiu-se ao velho Quack para se despedir.

Quack estava emocionado. Após tantos anos de vida não tinha visto tamanho reconhecimento e gratidão. Ainda mais vindo de alguém tão jovem e até bem pouco tempo desconhecido de todos ali presentes.

Todos ficaram em silêncio. Estavam arrependidos de suas atitudes preconceituosas para com o velho Quack. Foi preciso um estranho para lhes ensinar algo que já deviam saber: respeitar ao próximo.

Discurso concluído, sensação de dever cumprido. Duck já podia partir. Era já o período de migração e Duck sabia que ali próximo passaria um bando de patos selvagens e

que certamente seus parentes estariam entre eles. Era a sua chance de partir em busca de novos horizontes, levando consigo uma experiência de vida que jamais esqueceria. Certamente contaria a seus parentes uma história tão bonita. Partiu em seu voo tão esperado.

Lá embaixo, os outros patos observavam seu voo majestoso em busca de aventuras. Alguns chegaram a dar “tchau” e reconheceram que iam sentir saudades, outros nem ligaram. O velho Quack observou tristemente o voo de Duck em busca de novas aventuras. Pensava em como voltaria a ser triste sua vida.

No entanto, a partir daquele dia sempre vinham alguns patinhos que, no final do dia, sentavam-se em volta do velho Quack e ouviam admirados às histórias que ele contava e quase nunca se ouvia aquele apelido que antigamente o incomodava tanto. E quando algum patinho rebelde lhe chamava de “pato manco” já nem ligava. Além do mais os outros patinhos que agora lhe tinham bastante respeito, repreendiam aos seus colegas:

- Não se deve desrespeitar aos outros!

Diziam orgulhosos por terem aprendido a lição.